



## RELATO

# REVISTA MARITACA: ENSINO-APRENDIZAGEM NO PROCESSO INTERDISCIPLINAR DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

**Ana Lucia Vaz<sup>1</sup>**

**Mariana Rodrigues de Freitas<sup>2</sup>**

**Pedro Henrique da Silva Vaz do Cabo<sup>3</sup>**

## RESUMO

O objetivo deste relato é compartilhar aprendizados conquistados no processo de produção da revista temática Maritaca. A revista surgiu, em 2016, com o único objetivo de tornar mais realista o exercício de produção realizado pelos alunos de segundo período do curso de Jornalismo da UFRRJ, na disciplina de Técnicas de Reportagem. O intenso envolvimento dos estudantes com o projeto garantiu sua manutenção e desenvolvimento. Hoje, a caminho de sua 7ª edição, a revista se tornou um produto interdisciplinar, envolvendo mais duas disciplinas.

## PALAVRAS-CHAVE

Revista laboratório. Reportagem. Monitoria. Interdisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

O curso de Jornalismo da UFRRJ reformulou seu PPC em 2015, seguindo as novas diretrizes do MEC. Entre as principais inovações do projeto pedagógico, foram reduzidas as disciplinas identificadas com veículos específicos, optando-se por disciplinas distribuídas em função de linguagens: escritas, sonoras,

<sup>1</sup> Doutora (UFRRJ) Professora Adjunto de Jornalismo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). [naluvaz@gmail.com](mailto:naluvaz@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda do 4º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Monitora da disciplina Técnicas de Reportagem do Departamento de Letras e Comunicação Social. Redatora e revisora da Revista Maritaca [mariana.mrfreitas@gmail.com](mailto:mariana.mrfreitas@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduando do 4º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista de Monitoria na disciplina Técnicas de Reportagem do Departamento de Letras e Comunicação Social e Programador Visual da Revista Maritaca. [pedrohenriquecabo@gmail.com](mailto:pedrohenriquecabo@gmail.com).



audiovisuais etc. Ao mesmo tempo, foi incluída no currículo obrigatório a disciplina de Técnicas de Reportagem, no segundo período do curso.

O objetivo era colocar os estudantes em contato com os desafios da apuração jornalística antes mesmo de se aprofundarem nas diversas linguagens de produção midiática. Esta estratégia se fundamentava na convicção de que as bases do processo de apuração jornalística deveriam ser entendidas, pelos estudantes, como a base a partir da qual desenvolver as diversas linguagens midiáticas.

Havia, além disso, entre os professores, uma percepção de que nossos alunos estavam se formando com pouca desenvoltura no contato com as fontes.

Para que a experiência de apuração fosse vivida de maneira intensa e o mais realista possível, decidiu-se que as reportagens apresentadas por eles seriam, ao final, publicadas em uma revista a ser impressa na gráfica da Universidade. O processo de revisão, edição e diagramação ocorreu após o encerramento da disciplina, de modo que o envolvimento dos alunos – apenas parte deles – independeu de nota.

Na 4ª edição, a revista se tornou interdisciplinar, incluindo as disciplinas de Mídia Impressa e Introdução à Fotografia. A interdisciplinaridade ainda é um desafio, mas vem se aprofundando e amadurecendo.

Esta ano, conseguimos sincronizar os planos de aula de Mídia Impressa, Técnicas de Reportagem e Introdução à Fotografia, de modo semelhante às divisões de responsabilidade de uma redação. Assim, em Mídia Impressa os alunos editarão a revista com as fotos e textos produzidos nas outras duas disciplinas. Este amadurecimento trouxe para a troca interdisciplinar também a disciplina de Teorias da Comunicação, de modo que o conteúdo das demais disciplinas ganhou um contexto mais amplo e uma reflexão mais profunda.



## MARITACA: A REVISTA

Maritaca é uma revista temática de reportagens, editada com as matérias produzidas na disciplina de Técnicas de Reportagem e as fotos produzidas na disciplina de Introdução à Fotografia, ambas disciplinas ministradas para o segundo período do curso de Jornalismo da UFRRJ.

O primeiro número, publicado em agosto de 2016, tinha 28 páginas e, além do formato digital, teve 100 exemplares impressos na gráfica da Universidade. O nome Maritaca foi definido pelo grupo de alunos que participou do fechamento do primeiro número. Nos anos seguintes, faltaram recursos para a impressão em papel e a revista se manteve no formato digital, na plataforma *Issue*<sup>4</sup>.

A partir do número 4, a revista cresceu e se mantém com 40 a 50 páginas. O principal critério na definição do tema é garantir assuntos que levem os estudantes a circular, ir para a rua, no jargão jornalístico. Conhecer gente e lugares diferentes. A experiência, em geral, é profundamente transformadora para os que a abraçam.

Os temas tratados, até hoje, foram: Baixada Fluminense; Visibilidade Social; Rio pós Olimpíadas; Queimadas: Problema Ambiental; Periferia e Religiosidade, nesta ordem. O número 7 está em produção e o tema é: Cidade e Alimentação.

Dois elementos – interrelacionados – são fundamentais para compreender a continuidade e fortalecimento da revista, dentro do projeto do curso: o primeiro é a monitoria na disciplina de Técnicas de Reportagem, que, entre outras coisas, apoia o trabalho de edição e executa todo o trabalho de editoração eletrônica da revista. O segundo é o forte envolvimento dos alunos, dispostos a revisar e editar suas matérias e dos colegas durante o recesso.

---

<sup>4</sup> Para ler as revistas acesse: <https://issuu.com/tecnicasdereportagem/docs/maritaca>.



## **JORNALISMO RURALINO: UM COMPROMISSO COLETIVO**

Há uma percepção corrente de que a comunidade universitária da UFRRJ, pelo menos no campus Seropédica, desenvolve um sentido de pertencimento forte. A existência de uma palavra, de uso corrente, para definir os pertencentes à comunidade parece um sinalizador. A análise desta “identidade ruralina” demandariam outro artigo. Interessa aqui observar que este sentido de pertencimento reforça comprometer-se com a Universidade que parece reforçado no curso de Jornalismo, que acaba de completar 10 anos. Um curso ainda pequeno, que enfrenta muitas deficiências estruturais.

“Sim, tem jornalismo na Rural” se tornou uma palavra de ordem entre os estudantes, que intensificaram, ao longo dos anos, a participação do curso na Intercom (*Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*). O tema mereceu uma reportagem especial em nossa revista de comemoração dos 10 anos do curso<sup>5</sup>.

Como um recurso para enfrentar as adversidades, o curso construiu um sentido de coletividade, reforçado pela permeabilidade da direção e pela permanente criação de fóruns de debate e decisão coletivos da comunidade do curso.

É neste contexto que a MARITACA surgiu e permanece.

Os estudantes receberam a proposta da revista com poucas diretrizes pré-definidas. Ela seria uma revista temática composta de grandes reportagens. O perfil das reportagens valoriza a ida a campo e o trabalho de entrevistas, preferencialmente presencial. Um dos principais focos da disciplina é o desenvolvimento da escuta no processo de entrevista (MEDINA, 1986). O tema da revista é sugerido e debatido em sala. Em alguns casos, foi definido pela própria turma, em debates orientados pela professora. As pautas são propostas pelos grupos, formados livremente pelos estudantes. O fechamento da revista (revisão e edição) algumas vezes foi encaminhado pelos estudantes que ficaram acompanhando o processo depois de encerrada a disciplina, outras vezes foi

<sup>5</sup> Para ver a matéria: <http://cursos.ufrj.br/grad/jornalismo/jornalismo-da-rural-da-visibilidade-a-baixada-fluminense-em-congresso-academico/>.

Para ver a revista: <http://cursos.ufrj.br/grad/jornalismo/10-anos/>.



iniciado em sala de aula. O projeto gráfico fica, em grande parte, a cargo da monitoria.

Outra explicação que parece provável para o comprometimento dos estudantes com a revista é o fato de ser produzida pelos alunos de segundo período, constituindo-se, em geral, na primeira experiência de produção jornalística.

O processo de elaboração da pauta, reformulações, busca de fontes, entrevistas, tratamento do material apurado é acompanhado de perto. Nas aulas presenciais, mais ou menos metade das horas de sala de aula total é dedicado a discutir o andamento das pautas. Este método favorece um processo coletivo de reflexão e busca de alternativas.

Vale destacar que a experiência da professora conta, mas não determina o andamento das matérias. Diante de uma proposta de pauta que parece inviável, antes de sugerir abandonar o tema, me coloco a pensar junto com eles as possibilidades e dificuldades de execução. Desta forma, descobrimos juntos caminhos criativos. Por outro lado, quando concluímos juntos que a pauta é inviável, isso não se deve a uma simples delegação de poder por parte do aluno, mas decorre de um profundo aprendizado sobre os desafios de criar uma boa pauta e executá-la.

Este processo de ensino-aprendizagem permite a permanente produção de conhecimento compartilhado, capaz de provocar o amadurecimento recíproco do fazer jornalístico. Neste ano de 2021, o estabelecimento de um coletivo de monitores reforçou a percepção do potencial do aprendizado quando a responsabilidade pela busca de solução é compartilhada de maneira horizontal.

## **ENSINO REMOTO E MONITORIA COLETIVA**

Em 2021, o sistema de ensino remoto e o isolamento dos estudantes tem oferecido grandes desafios à produção das reportagens que deverão compor a Maritaca número 7. Dois fatores estão sendo fundamentais para apostar que no final do semestre teremos a publicação de mais uma bela Maritaca: o



amadurecimento da interdisciplinaridade e a formação de um coletivo de monitores profundamente envolvidos com a orientação dos alunos.

Reuniões sistemáticas dos monitores com cada grupo de produção e reuniões semanais da professora com os monitores têm mantido um ritmo de aprendizado pedagógico significativo. O resultado, na velocidade de amadurecimento dos alunos, sugere uma dinâmica de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996) que potencializa as transformações de percepção de todos os envolvidos, sejam alunos, monitores ou professora.

Além da capacidade de compreender os problemas e dificuldades dos alunos com base na própria experiência próxima, os monitores são capazes de perceber alguns sinais dos alunos antes da professora. Neste período de ensino remoto e relacionamentos virtuais, um dos sinais mais importantes dados pelos monitores foi perceber a dificuldade que os grupos de trabalho, constituídos de maneira remota, encontravam para trabalharem de modo coletivo. Foram os monitores que avisaram que muitos grupos estavam dividindo as tarefas de maneira tão compartimentada que uns ignoravam o trabalho dos outros. Também assumiram o papel de explicar a importância do envolvimento de todos em todas as etapas e a necessidade de compartilharem as experiências entre os colegas de grupo.

Outra dificuldade importante identificada pelos monitores foi a ansiedade. Neste aspecto, foi muito fácil o reconhecimento mútuo entre monitores e alunos. O que eles verificaram era que os alunos – assim como eles – tinham dificuldade de compreender a importância do processo, pela alta expectativa com o produto final. Os monitores identificaram que, mesmo alertados para o fato de que a avaliação da disciplina focava principalmente o processo de produção da reportagem, “muitos estão mais preocupados em saber em que página a matéria vai entrar”.

Outro conhecimento que vem sendo construído coletivamente, entre professoras, monitores e estudantes é o aprimoramento das técnicas de entrevista no ambiente virtual. Plataformas que permitem entrevista coletiva e



gravação, telefone, *WhatsApp* por escrito ou áudio são alguns dos recursos utilizados.

Alguns alunos têm sugerido que um dos recursos mais interessantes é a troca de áudios por *WhatsApp*, de maneira “quase síncrona”. Isto é, eles marcam um horário com o entrevistado mas, em vez de telefonema, se dedicam a uma troca intensa de áudios.

Enfim, nossa capacidade de fechar uma revista em sistema remoto ainda está para ser provada. A potência deste processo de ensino-aprendizagem na construção de um produto jornalístico já podemos constatar.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Petrópolis, Paz e Terra: 1996.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

**10 anos de Jornalismo na Rural**. Revista multimídia produzida pelo Curso de Jornalismo da UFRRJ. 2020.